

Com limites

TARSO GENRO*

O filme *Sem Limites*, projetado recentemente em Porto Alegre, é uma brutal propaganda das drogas pesadas. Sua mensagem é a seguinte: “O sucesso, a capacidade de defender-se, a prática da inteligência que leva à felicidade, dependem do uso adequado de substâncias químicas que geram dependências cruéis. Mas vale a pena”. Essa é a mensagem principal.

Na noite em que assisti ao filme, enganado pela propaganda do seu conteúdo (que me pareceu interessante), o cinema estava cheio de jovens de várias idades. Pensei: “Esta semana teremos protestos pela imprensa, porque isto aqui passou todos os limites”. O filme não era uma conversa franca com jovens num final de aula, na qual alguém dizia que certas drogas são mais nocivas que as outras, embora não fosse apropriado legalizar nenhuma. O filme era simplesmente propaganda explícita da drogadição. Esperei os protestos em vão.

Esperei, também, alguma manchete tipo: “Filme em tal lugar defende explicitamente o uso de drogas”. Foi em vão. Decerto porque

uma coisa é o mercado, no qual aparentemente vale tudo, e outra é o final de uma aula magna que não afeta o mercado. Nesta, no final, é verdade que se mostrou uma certa tolerância – não concordância – com centenas de jovens, que em diversas universidades do mundo já experimentaram ou às vezes fumam um

“baseado”.

Depois do filme, na sequência da semana, li várias críticas iradas e injuriosas às opiniões que NÃO manifestei sobre a *Cannabis*, embora o jornal Zero Hora, que divulgou o evento, fizesse, de forma clara, a ressalva de que sequer eu defendera a legalização da maconha.

Só posso tomar, portanto, as críticas que recebi (a uma posição que não sustentei) como uma defesa da criminalização dos jovens que fumam “baseados”, posição que efetivamente não defendo. Criminalizar os jovens porque eles fumam maconha é lançá-los na clandestinidade e, logo, torná-los mais próximos dos traficantes. Seria como prender, internar compulsoriamente, os fumantes porque não se pode, em função do mercado, fechar as fumageiras.

Combater duramente a produção e o tráfico de qualquer droga, inclusive da maconha, é a posição que tenho como correta e que pratico fortemente como ministro da Justiça. Não defendo, porém, punir os usuários eventuais da *Cannabis* e aqueles jovens que são instrumentalizados pelos traficantes. Atacar nas fontes – o produtor e o traficante – é o que pode reduzir o uso das drogas para minimizar esse mercado infernal. Um mercado que gera outros delitos e também os modismos que estimulam o falso astral que encanta os jovens para a experimentação.

*Governador do Estado

SENTENÇAS

PRÍNCIPE WILLIAM, ao receber a noiva, Kate Middleton, na abadia de Westminster, na cerimônia de casamento

“Você está linda.

WALTER FELDMAN, político paulista, um dos fundadores do PSDB

“Estou saindo do PSDB por causa do meu desconforto com o aniquilamento de nossas melhores lideranças.

HELENA NADER, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), sobre o novo Código Florestal

“Se for votado agora, não será bom para o Brasil. E os cientistas não estão calados.

ROBERTO REQUIÃO, senador (PMDB-PR), ao repórter que o questionou se abriria mão da aposentadoria vitalícia de R\$ 24.117,62 como ex-governador do Paraná

“Já pensou em apanhar, rapaz? Já pensou em apanhar?



BARACK OBAMA, presidente dos Estados Unidos, ao comentar boatos, desmentidos por uma certidão, de que não teria nascido nos Estados Unidos, e sim no Quênia

“Não temos tempo para esta bobagem. Temos coisas mais importantes para fazer.

EDUARDO SUPlicy, senador (PT-SP), mostrando-se favorável à reintegração ao PT do ex-tesoureiro do partido, Delúbio Soares, um dos mentores do mensalão

“Na nossa Constituição não há prisão perpétua, então sou a favor da volta do Delúbio.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA, ex-presidente, discordando de que a oposição esteja esfacelada

“Oposição é o bicho mais fácil de crescer. Oposição é que nem carrapicho. Eu fui oposição a vida inteira.

Do Leitor

ANDRÉ TURCHIELLO DE OLIVEIRA, analista de sistemas – Santiago

“Chegará o dia em que a única maneira de não enfrentar problemas de segurança e estresse será não sair de casa.

Ideias gasosas

MOISÉS MENDES*

É doloroso ver um intelectual pedindo clemência. O economista Luiz Carlos Bresser Pereira, um dos raros pensadores brasileiros que chegaram ao poder ao se envolver organicamente em um projeto político, anunciou aposentadoria como homem de partido. Aos 77 anos, avisa que vai voltar a pensar, só pensar. Bresser não é um homem derrotado pelas próprias ideias. É pior: é o pensador que viu os outros fazerem o que ele pensou e não conseguiu fazer.

Bresser é um dos formuladores do que seria a social-democracia brasileira, nos moldes da matriz europeia. Fundou o PSDB, em 1988, com Fernando Henrique, Franco Montoro, Mario Covas. Pensou, pensou, escreveu belos livros e ensaios sobre a economia, o Estado, a globalização e sua visão do que seria um governo de centro-esquerda. Confessa que fracassou. Abandonou os tucanos e pede piedade, como um auxiliar técnico do Palmeiras, cheio de referências, de leituras e de boas intenções, que pretendia ver o time jogando como o Barcelona.

Eram boas as ideias e era bom o time de Bresser Pereira. Num país em que tudo vai sendo simplificado, em que o PSD surge, segundo Kassab, como partido que não é de direita, nem de centro, nem de esquerda, foi um formulador talentoso do que seria a social-democracia. Antineoliberal, queria o Estado como expressão suprema da razão humana. Forte, articulador e com decidido cunho social.

Já no poder, como tucano, no governo FH, foi ministro da Administração e da Reforma do Estado. Defendeu que o Brasil

seria modernizado pela combinação do iluminismo do partido que idealizara com a boa vontade dos moderados do PFL. Só assim nos livrariam do nacional-populismo. Em 1999, foi a um encontro da Internacional Socialista, em Paris, e defendeu sua tese. Ouviu vaias.

O Bresser de 2011 é um homem envergonhado com a incapacidade de defender no governo o que pregou nos livros. Em recente entrevista, admitiu ter sido picado pelo neoliberalismo que condenava. Como

ministro encarregado da reestruturação estatal, pregou que os barnabés de repartição, à antiga, deveriam ser dispensados, para que sobrevivesse só a elite dos servidores públicos, e instituiu os PDVs. Tucanos e pefeístas sepultariam a “coalizão burocrático-capitalista” de Estado surgida no regime militar. O Estado nunca mais seria o mesmo.

Poucos intelectuais que aspiram ao poder – não como burocratas de Estado, mas como comandantes supremos ou integrantes do primeiro escalão – tiveram a chance de ver suas ideias apalpadas com o brilho de algo concreto. FH chegou lá. Tarso começa a ser testado.

Bresser despede-se do projeto tucano envergonhado por ter aderido às ideias de redução do Estado a qualquer custo. E lamenta que Lula tenha feito, em oito anos, o que o PSDB não havia conseguido, ao dar substância, na intuição, ao projeto de centro-esquerda que consumira tanta eloquência livresca.

O economista volta a pensar e a escrever. Quer se reabilitar como formulador do nacional-desenvolvimentismo. Diz que o Brasil não tem uma elite nacional. Admite que errou ao renegar, no poder, as próprias reflexões. É assumidamente melancólico. Frustrado como homem de partido, retorna aos livros para salvar-se como pensador. Pede que não esqueçam o que escreveu.

Na semana em que Bresser anuncia que entregaria os pontos, a TV transmitia o programa do PRTB. O PRTB, ficamos sabendo, é um partido à frente do seu próprio tempo. Pobre tempo. A reflexão mais complexa foi jogada nos lixões da política. São poucos os sobreviventes. Estamos entregues ao mundo sinistro das simplificações e da mediocridade. PRTBs, PTCs, PSDCs são apenas a face mais assustadora desse breu. Pensar ficou cansativo, e tudo que é gasoso comete o milagre de se solidificar no ar.

*Jornalista